

# UMA VIAGEM PELA FORMAÇÃO BRASILEIRA: NAÇÃO E REGIÃO NO LIVRO DE LEITURA DE MANOEL BOMFIM E OLAVO BILAC (1910)

Luiz Carlos Bento<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse artigo analisa o livro *Através do Brasil* de Manoel Bomfim e Olavo Bilac, buscando refletir sobre a caracterização do Brasil e dos brasileiros desenvolvida por esses intelectuais nessa obra voltada para o público escolar. Nela uma representação sobre a identidade nacional é vista como uma força interna que emerge do interior do país, pois a viagem dos dois irmãos, além de uma aventura para se conhecer o Brasil, também é um convite para a integração nacional, ou mesmo um projeto político em defesa de um desenvolvimento econômico e social mais equilibrado, em que o regional e o nacional irão se fundir em defesa de um projeto de país que busca ressignificar o lugar das massas sertanejas do interior na constituição de um pacto nacional para o desenvolvimento. Pacto este que busca pensar de forma mais equitativa o papel desses múltiplos personagens que formam essa representação do nacional, dando ênfase para a importância do homem sertanejo como uma força propulsora dessa especificidade.

**Palavras-chave:** nação; identidade; representação.

## A JOURNEY THROUGH BRAZILIAN FORMATION: NATION AND REGION IN MANOEL BOMFIM AND OLAVO BILAC'S READING BOOK (1910)

**Abstract:** This paper analyzes Manoel Bomfim and Olavo Bilac's book "*Através do Brasil*", seeking to reflect about the characterization developed by these intellectuals about Brazil and Brazilian people on this work to the public school. A representation on national identity is seen as an internal force that emerges from inside the country, as the journey of the two brothers, as well as an adventure to know Brazil, it is also an invitation to national integration, or even a political project in defense of a more balanced economic and social development, where the regional and national will merge in defense of a country project that seeks to reframe the place of backcountry masses of the countryside in the constitution of a national pact for development. That pact seeks to think in a more equitably way about the role of these multiple characters that are part of this national representation, emphasizing the importance of the inlander man as a driving force for this specificity.

**Keywords:** nation; identity; representation.

---

\* O artigo resulta da tese de doutorado ("*Cultura histórica e questão nacional na primeira república: o sentido da formação entre o ensaio e os escritos educacionais de Manoel Bomfim (1897-1930)*"), defendida pelo autor em 2015 junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFG.

<sup>1</sup> Doutor e mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/Campus de Coxim). E-mail: luizc.bento@yahoo.com.br.

UMA VIAGEM PELA FORMAÇÃO BRASILEIRA: NAÇÃO E REGIÃO NO LIVRO DE LEITURA DE MANOEL BOMFIM E OLAVO BILAC (1910)

No ano de 1910, Bomfim publica em parceria com Olavo Bilac o livro *Através do Brasil*, uma obra produzida para o curso médio das escolas primárias<sup>2</sup>, que corresponde, nos termos da educação da época, às classes para alunos de 9 a 11 anos. A obra foi aprovada e adotada pelo Conselho Superior de Educação Pública da capital federal, do qual ambos eram membros regulares, e pelos governos dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Sergipe, Amazonas, Ceará e Rio de Janeiro. A grande aceitação do livro corrobora a percepção de que os autores foram consagrados no meio político e intelectual como produtores de livros de leitura (didáticos) e de manuais relacionados à educação.

A parceria entre os dois intelectuais evidenciava, além da sólida e duradoura amizade que havia se iniciado no primeiro momento da chegada de Bomfim ao Rio de Janeiro, uma afinidade temática em relação aos problemas da república e das discussões do campo intelectual brasileiro em torno da importância da educação como elemento capaz de promover as mudanças sociais necessárias para o Brasil modernizar-se. Além de *Através do Brasil*, a parceria rendeu os livros *Composição e Leitura* (1899) para o curso complementar das escolas primárias, ambos publicados pela livraria Francisco Alves.

Diferentemente de outras obras de Bomfim, *Através do Brasil* foi um grande sucesso editorial, atingindo, segundo Mariza Lajolo (2000), a marca significativa de 43 edições em menos de quatro décadas. Esse sucesso – até certo ponto incomum para uma obra didática e especialmente para um autor que, por mais de 50 anos, não teve suas obras principais reeditadas – é difícil de ser explicado, mas os objetivos gerais e o tipo de empreendimento que caracteriza sua publicação podem nos fornecer pistas importantes para a sua compreensão.

*Através do Brasil* insere-se no contexto da nacionalização das práticas educacionais e no processo de construção e consolidação de uma literatura escolar<sup>3</sup> no Brasil em finais do século XIX e primeiras décadas do século XX. Tal processo foi um polo catalisador que

---

<sup>2</sup> A forma de organização da educação elementar durante o período era ordenado segundo o decreto n. 981 de 1890, que dividia as séries iniciais em Básico, Complementar e Médio.

<sup>3</sup> Sobre esse tipo de produção voltada diretamente para o público escolar – que estamos chamando de literatura escolar e que, posteriormente, convencionou-se chamar de livros didáticos –, podemos destacar, entre a vasta produção bibliográfica de Manoel Bomfim, catorze obras voltadas especificamente para esse fim, as quais foram publicadas ao longo de um período de vinte e sete anos entre os anos de 1899 e 1926. Observamos que, dados a extensão dessa bibliografia e considerando-se os objetivos deste texto, analisou-se apenas a obra *Através do Brasil* (1910), buscando entender os sentidos atribuídos pelo sergipano aos elementos constituidores de um projeto de nação adequado à cultura brasileira. Em relação à literatura escolar nacional na virada do século XIX, ver Hansen (2007) e Lajolo (1982).

reuniu grande número de intelectuais preocupados com um projeto de identidade nacional e com a consolidação do Estado brasileiro sob os valores da república. Segundo Santos (2010), além da afirmação intelectual de Bilac e Bomfim como produtores de livros didáticos, no período que se estende de 1894 a 1910, os autores também ocuparam cargos públicos diretamente ligados à reforma do ensino primário e secundário ocorrida nos primeiros anos da república, conhecida na historiografia educacional como Reforma Benjamin Constant, através da qual se tornaram, por indicação, gestores educacionais, respectivamente, como diretor e subdiretor do *Pedagogium*<sup>4</sup>.

André Botelho (2002) e Mariza Lajolo (2000), ao analisarem *Através do Brasil*, consideram a obra como um texto ficcional, classificando-o como um romance de formação tipicamente brasileiro (LAJOLO, 2000: 25) Para eles, nesse tipo de literatura, o modelo de formação ressaltado é caracterizado como um processo coletivo de formação social e reflete a conquista da nação e do território, realçando a conquista da identidade nacional. Lajolo (2000) insere a obra no interior de uma vasta tradição que remonta à literatura de viagens e sua grande popularidade e circulação na história do ocidente:

Em tempos mais antigos, enquanto Ulisses, na *Odisseia*; Aquiles, na *Iliada*; Enéias, na *Eneida*, e Vasco da Gama, em *Os lusíadas* [...] o gênero, depois, ingressa no mundo moderno: no roteiro de Daniel Defoe (Robinson Crusoe, 1719) e de Jonathan Swift (*Gulliver's travel*, 1726) viaja pela expansão inglesa em alguns de seus movimentos em *Heart of darkness* (Joseph Conrad, 1902) e articula-se a uma modalidade mais avançada do colonialismo europeu e à sua crítica. A versão infantil do período pode ser representada, por exemplo, pela história de Kim (1901), de Rudyard Kipling (LAJOLO, 2000: 26).

Como podemos perceber no trecho supracitado, Lajolo (2000) defende a vinculação da obra a uma fecunda tradição literária que estabelece entre a narrativa e a viagem uma de

---

<sup>4</sup> Grande parte dos estudiosos da obra de Bomfim (Aguiar, Gontijo, Santos, Botelho) define o *Pedagogium* como um museu pedagógico criado em 1890 na cidade do Rio de Janeiro. Em 1897 foi transformado num centro de cultura superior e, em 1906, recebeu o primeiro laboratório de psicologia experimental do Brasil, que foi montado, idealizado e administrado por Manoel Bomfim. O museu teve, no total, cerca de 30 anos de existência, sendo extinto em 1919. A ideia de sua criação surgiu em 1882, inspirada na reforma do ensino realizada por Rodolfo Dantas, com o apoio do parecer do projeto de ensino primário de Rui Barbosa. A iniciativa foi de Benjamin Constant à frente do Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos. Entretanto, sua fundação ocorre somente em 1890. A proposta inicial era ser o centro propulsor das reformas e melhoramentos de que carecia a educação nacional, com ênfase principalmente no ensino nas escolas normais. Em linhas gerais, ele deveria agir como um centro nacional de controle e coordenação das atividades pedagógicas no país.

UMA VIAGEM PELA FORMAÇÃO BRASILEIRA: NAÇÃO E REGIÃO NO LIVRO DE  
LEITURA DE MANOEL BOMFIM E OLAVO BILAC (1910)

suas manifestações mais harmoniosas e constantemente presente na história literária do ocidente, levando, segundo sua interpretação, um estudioso da questão, como Walter Benjamin, a transformar o viajante numa metáfora do narrador. A intenção manifesta do texto supracitado é demonstrar que existe uma vinculação direta entre esse texto de Bomfim e Bilac com a literatura de viagem, que seria uma temática predominante na tradição literária brasileira no mais tardar desde o século XVI, visto que o texto fundador de nossa descoberta como região pertencente ao mundo ocidental se insere no interior dessa tradição.

De acordo com a interpretação de Lajolo (2000), a vastidão do território e as múltiplas diferenças regionais seriam responsáveis por essa tendência que marcaria diversas correntes literárias no Brasil. Nesse sentido, a viagem, real ou imaginária, seria a forma mais adequada de apresentar o Brasil a si mesmo, descobrindo, nas múltiplas paisagens regionais, sua propensão nacional. Segundo Lajolo (2000), essa seria a grande pretensão dos autores ao escolherem o tema: uma forma privilegiada de fomentar o ensino e apresentar o Brasil aos brasileiros. Todavia, nesse ponto, Lajolo, assim como outros intérpretes da obra, caracteriza a narrativa como conservadora, uma vez que não é capaz de superar a perspectiva dualista que se apresenta nos pares antinômicos: litoral e sertão, rural e urbano, moderno e atrasado. Assim, há o reforço da tese dos dois *brasis*: o moderno e o arcaico, sendo o Brasil moderno convocado à missão de civilizar o Brasil arcaico.

Nesse aspecto, a perspectiva interpretativa desse artigo irá destoar em relação a Lajolo (2000) e Botelho (2002), pois entendemos que a interpretação que produzem de *Através do Brasil* deixa escapar seu estilo singular, bem como o sentido formador atribuído à conquista do território, que mantém relação direta com a função da educação no pensamento histórico de Bomfim. No que diz respeito ao estilo, os autores conseguem mapear com clareza as influências recebidas por Bilac e Bomfim na composição da obra; para tanto, fazem uma vasta comparação com obras consagradas internacionalmente. Autores como Sussekind (1990), Lajolo (2000) e Botelho (2002) vinculam a obra dos intelectuais brasileiros ao conjunto maior dos romances de formação, que teriam sua primeira e grande influência em *Os anos de aprendizagem*, de Wilhelm Meister (1795), cujo enredo tem como desdobramento o amadurecimento individual da personagem por meio da vivência de situações que agregam valor ao amadurecimento do protagonista.

Tendo como referência o caminho sinalizado por Goethe, as obras *Le tour de la France par deux enfants* (1877), de Augustine Tuillerie, publicada sob o pseudônimo de Giordano Bruno e *Cuore* (1886), de Edmondo de Amicis, se tornariam as maiores referências de romances de formação nacional voltados para o público infantil, tendo como referência não mais o amadurecimento de um único indivíduo, mas a formação da identidade nacional e a criação da nação como meta coletiva.

Para os autores supracitados, esses livros teriam exercido influência direta no estilo dos autores brasileiros, embora reconheçam que “a obra brasileira não pode ser reduzida a mais um capítulo de importação de modelos culturais, já que correspondia também a uma demanda específica” (LAJOLO, 2000: 25). Ao fazer a comparação entre essas obras e *Através do Brasil* (1910), Lajolo (2000) e Botelho (2002) procuram fazer uma reflexão para demonstrar a intertextualidade entre elas.

A perspectiva dos autores é aproximar a temática da viagem, a caracterização dos personagens e o enredo como muito semelhante, o que caracterizaria a influência direta dos autores estrangeiros no pensamento de Bilac e Bomfim; no que se refere à compreensão de questões singulares empregadas em seu texto, porém, eles reproduzem uma interpretação que pretendemos relativizar, pois, não consegue perceber na exposição dos itinerários, na caracterização das personagens e na importância atribuída a cada uma delas no enredo da obra uma visão inovadora cujo objetivo era apresentar as diferenças sem legitimar os papéis sociais; ou seja, em *Através do Brasil*, a intenção dos autores era caracterizar, de uma forma simples, a historicidade das diferenças regionais.

Tomando como base as interpretações de Lajolo (2000) e Botelho (2002), procuraremos demonstrar ao longo desse artigo que a obra em questão foi influenciada pelos romances de formação estrangeiros, apropriando-se da forma e de aspectos narrativos dessas obras consagradas internacionalmente, mas que a singularidade dos autores brasileiros, reside na caracterização do sertão como elemento constituinte da identidade nacional, dando dessa forma um sentido integrador, mas não hierarquizado de pensar a contribuição das várias regiões e dos sujeitos nacionais em um projeto de nação, constituindo desta forma um projeto de formação nacional que consegue escapar da antinomia dualista entre litoral e sertão.

UMA VIAGEM PELA FORMAÇÃO BRASILEIRA: NAÇÃO E REGIÃO NO LIVRO DE LEITURA DE MANOEL BOMFIM E OLAVO BILAC (1910)

Dessa forma, o livro, como um produto de seu tempo, é marcado por uma série de valores característicos das elites urbanas, o que é perfeitamente compreensivo, pois esperar que os autores não expressem em sua obra valores e características inerentes a seu lugar social é pretender que eles saiam de si mesmos para pensar a realidade histórica, o que seria humanamente impossível.

Nenhuma obra é plenamente extemporânea, ainda mais quando se volta para a o público escolar. A caracterização do Brasil na obra tem por finalidade difundir a imagem de um Brasil que possa ser reconhecido pelos alunos com base em noções elementares presentes na formação cultural dessas crianças. Para tanto, sua narrativa é organizada e pensada intencionalmente pelos autores para ser atrativa aos jovens leitores, apresentando-lhes o que, em suas palavras, seriam “os cenários e os costumes mais distintivos da vida brasileira” (BOMFIM, 2000: 43).

Para Lucia Lippi Oliveira (1990), *Através do Brasil* apresenta uma aproximação temática com o ufanismo, visto que essa obra retrata, de forma ficcional e narrativa, temas muitos parecidos aos sistematizados por Affonso Celso em *Porque me ufano de meu país*. Segundo Lippi Oliveira (1990), na narrativa de Bilac e Bomfim, “o país tem uma natureza maravilhosa e diversificada, e o homem igualmente maravilhoso e diversificado (o sertanejo, o negro, o caboclo, o gaúcho) não enfrenta graves problemas” (OLIVEIRA, 1990: 132). Por ser apresentada num estilo ficcional diferente daquele dos livros de leitura da época, é considerada pela autora “mais discreta e menos piegas”, tornando-se um dos canais mais eficazes para se difundir uma representação ufanista do estado nacional por meio da cultura escolar em formação, no início da República. Lucia Lippi Oliveira (1990) conclui que, de certa forma, essa aproximação atendia às necessidades impostas pela concepção de patriotismo corrente na época, de que um livro de leitura não poderia escapar, caso quisesse atingir o seu público. O que em nosso entendimento não significa dizer que houve uma aceitação das teses ufanistas por parte de Bomfim.

Na introdução, os autores advertem que a obra havia sido pensada para ser o único livro destinado ao curso médio das escolas primárias. Reconhecem, porém, que a escola, como instituição, deveria se preocupar em ensinar, ao longo do curso médio, muito mais conteúdo do que o que estava contido no livro. A justificativa desse comentário é feita em função de uma defesa do formato da obra, apresentado pelos autores em seu texto de

advertência como inovador, visto que fugia dos modelos tradicionais que organizavam os conteúdos que deveriam ser trabalhados seguindo o formato das enciclopédias, o que, segundo os autores, constituía um grande erro:

É um erro compor o livro de leitura – o livro único – segundo os moldes das enciclopédias. Infelizmente, esse erro se tem cometido em diversas produções destinadas ao ensino e constituídas de verdadeiros amontoados didáticos, sem unidade e sem nexos, através de cujas páginas insípidas se desorienta e perde a inteligência da criança (BOMFIM, 2000: 44).

Essa crítica se fundamenta na crença compartilhada pelos autores de que o programa didático previsto pela pedagogia para os cursos médios não poderia ser organizado em uma única obra em que constassem as noções de gramática, botânica, zoologia, noções de bem viver, regras de aritmética, noções de geografia e de história. Segundo eles, esse conjunto de noções formaria um todo destituído de sentido unificador e confundiria, assim, a cabeça das crianças. Na perspectiva nacionalista dos autores, o sentido geral deveria ser a compreensão do próprio Brasil como culminância última de todos os saberes. Bomfim e Bilac também consideravam que o professor, em razão de seu papel e importância, seria “a verdadeira enciclopédia do aluno nas classes elementares” (BOMFIM, 2000: 45).

Na perspectiva do intelectual sergipano, defendida nesse e em outros textos que versam sobre questões relativas à educação de seu tempo, é o professor a figura central do processo de ensino-aprendizagem e caberia a ele levar as crianças a aprenderem por elas mesmas. Para Bomfim, o professor representava a figura mediadora por excelência nesse processo, devendo utilizar-se de sua maior desenvoltura intelectual para direcionar as energias individuais e as propensões e habilidades naturais de cada criança a fim de que fossem canalizadas para servir diretamente à aquisição de conhecimentos de acordo com seus esforços individuais. Partindo dessas duas premissas, os autores consideram que seu livro oferece, no desenvolvimento de sua narrativa, uma série de oportunidades ao professor para que possa dar todas as lições previstas de acordo com os programas pedagógicos de seu tempo.

Ainda no texto de introdução, os autores esclarecem que, além de atenderem a todos os pré-requisitos (noções de gramática, botânica, zoologia, noções de bem viver, regras de aritmética, noções de geografia e de história), a obra tinha mais um atrativo que a distinguia de todas as demais: o próprio enredo da narrativa, que em si já era uma lição que atenderia

UMA VIAGEM PELA FORMAÇÃO BRASILEIRA: NAÇÃO E REGIÃO NO LIVRO DE  
LEITURA DE MANOEL BOMFIM E OLAVO BILAC (1910)

aos mais altos objetivos da educação humana: “suscitar a coragem, harmonizar os esforços, e cultivar a bondade” (BOMFIM, 2000: 46). Para cumprir esse objetivo geral, a obra fora dividida em 82 capítulos: os primeiros, destinados à construção narrativa do drama que orienta o texto, e os demais, preenchidos por descrições que visavam à exposição dos conteúdos previstos.

Uma advertência prevista no texto de introdução chama a atenção: “se há nestas páginas alguma fantasia, ela serve unicamente para harmonizar numa visão geral os aspectos gerais da vida brasileira” (BOMFIM, 2000: 47). Com isso, os autores indicam a preocupação com a verossimilhança da narrativa, mas não descartam o ficcional. Ao contrário, fazem uso da ficção para pensar a compreensão histórica das séries iniciais com base no suporte oferecido por um romance de formação produzido com base nas especificidades nacionais que eram valorizadas pelos autores. Assim, eles apresentam aos jovens leitores situações e personagens que, embora fictícios, representavam situações e sujeitos que compunham a sociedade brasileira com ênfase em seu aspecto múltiplo e variado, mas portador de características gerais que distinguem um modo de ser nacional.

A ideia de nação desenvolvida no texto contém elementos do ideário romântico da literatura brasileira, mas é profundamente marcada pela perspectiva do realismo moderno que atingira a sua forma mais desenvolvida no Brasil doze anos após a publicação de *Através do Brasil*, no Manifesto Modernista de 1922.

O enredo da narrativa é protagonizado por dois personagens centrais que, a exemplo dos romances de formação europeus, também são crianças em idade escolar, o que, na perspectiva dos autores, facilitaria a identificação dos jovens leitores com as situações descritas na trama. Os irmãos Menezes – Carlos, com 15 anos, e Alfredo, com 10 – são apresentados como órfãos de mãe; ao receberem um telegrama do pai, distante há dois anos, informando que fora acometido por uma leve enfermidade, resolvem empreender uma viagem a seu encontro, situando-se aí o eixo condutor da trama. Os irmãos partem de Recife e, no trajeto até o encontro com o pai, a narrativa apresenta as aventuras vividas pelos protagonistas. Nessa jornada, os meninos entrarão em contato com uma grande diversidade de territórios e de gentes do Brasil. O livro deixa clara a sua preocupação em apresentar, como pano de fundo da narrativa, as múltiplas realidades físicas e humanas do Brasil.

Além de servir de oportunidade para que o professor possa realizar as suas lições, o livro de leitura deve conter em si mesmo uma grande lição. E acreditamos que isso se dá com o nosso trabalho. Estamos certos de que a criança, com a sua simples leitura, já lucrará alguma coisa: aprenderá a conhecer um pouco o Brasil; terá uma visão, a um tempo geral e concreta, da vida brasileira – as suas gentes, os seus costumes, as suas paisagens, aos seus aspectos distintivos. E por isso, escolhemos como cenário principal as terras do São Francisco – o grande rio essencialmente, unicamente brasileiro (BOMFIM, 2000: 46).

Ronaldo Conde Aguiar (1999) expõe em sua biografia sociológica sobre Manoel Bomfim que *Através do Brasil* é o mais biográfico de todos os seus livros, pois nele há claras influências da experiência vivida em sua infância no engenho da família Bomfim. A composição de alguns dos principais personagens da obra, como a Velha Africana, Benvindo, as lavadeiras e Juvêncio, ainda segundo Aguiar (1999), recebeu influência dos tipos sociais que fizeram parte da infância de Bomfim e que ele os recriou nessa obra como expressões verossímeis da condição do negro e do sertanejo na sociedade brasileira.

Nessa mesma trilha de identificação das fontes de inspiração dos personagens de *Através do Brasil*, Lajolo (2000) e Botelho (2002) irão ressaltar que os personagens centrais Carlos e Alfredo, caracterizados como membros de uma elite branca e burguesa com vínculos familiares no Rio Grande do Sul e negócios no Nordeste do Brasil, são representantes de um Brasil moderno e civilizado em oposição ao Brasil de outras personagens, como Benvindo e Juvêncio, representados genericamente como atrasados. Na descrição do sertão, faltavam indústrias, cidades e outros ícones da modernidade e do progresso.

Outra caracterização da hierarquia entre os personagens que, na perspectiva dos autores supracitados, indicaria a aceitação de uma hierarquia entre os *brasis* representados em cada personagem é o dualismo presente na forma de tratamento: no diálogo com Carlos e Alfredo, a Velha Africana, Benvindo e Juvêncio referiam-se a eles quase sempre como “senhor”, “yoyô” ou “senhorzinho”, o que poderia sugerir o reconhecimento de uma hierarquia social que justificava a condição das elites na história do Brasil, sinalizando a manutenção de uma lógica de pensamento profundamente patriarcalista.

Segundo Santos (2010), em *Através do Brasil* não há “nenhum tipo de menção a uma característica biológica, especialmente associada aos mestiços, que pudessem caracterizá-los como inferior” (SANTOS, 2010: 109). Certamente, a influência da biologia

UMA VIAGEM PELA FORMAÇÃO BRASILEIRA: NAÇÃO E REGIÃO NO LIVRO DE  
LEITURA DE MANOEL BOMFIM E OLAVO BILAC (1910)

está presente no pensamento e na linguagem corrente da época, mas se observa a permanência de uma visão crítica dos autores em relação ao racismo. Assim como em sua obra *América Latina Males de Origem* de 1905, *Através do Brasil* faz uma opção clara pela importância da compreensão histórica da sociedade brasileira, pensada com base na historicidade da colonização ibérica elegendo desta forma outros valores e preocupações que, em muito, eram divergentes da visão das classes médias urbanas em relação à qual, muitos de seus intérpretes buscavam vinculá-lo<sup>5</sup>. O livro faz a defesa da necessidade de integrar as populações excluídas como meio de fortalecer a identidade nacional, corrigindo os erros históricos da formação brasileira, que teria na escravidão o seu maior descaminho.

A crítica de Bomfim restringe-se, pois, à escravidão e não ao negro. A caracterização de alguns personagens negros na obra faz lembrar suas críticas ao pensamento racial; é o caso de Juvêncio, apresentado como um representante da condição histórica do negro, que, explorado e perseguido no passado, permanece explorado e excluído no presente. Apesar das adversidades, Juvêncio é representado como um homem confiável, digno, nobre, cuidadoso, hábil, prático, honrado e humano. Bomfim e Bilac fazem desse personagem (negro sertanejo) um perfil típico que descreveria, na perspectiva apresentada por Bomfim em *América Latina*, as populações excluídas do Brasil, pois ele é apresentado como explorado pelo individualismo e pela ganância de seu tutor.

Juvêncio é apresentado como órfão de pai e mãe e que, ainda criança, foi morar com os seus padrinhos, que o trataram como um verdadeiro filho, dando-lhe as primeiras lições e muito carinho. Todavia, com a morte do padrinho, sua madrinha casa-se novamente com um sujeito que estava mais interessado em suas posses e que, além disso, era mau e batia na esposa. Um dia Juvêncio já rapaz revida à agressão fugindo com a madrinha; entretanto, para garantir o seu direito e poder legal sobre a esposa, o agressor busca na justiça a guarda do garoto, passando a ter direito legal de “educá-lo”, ou seja, puni-lo pelo seu gesto. A perseguição de seu tutor é o fato propulsor de sua fuga pelos sertões, que o levará a ter contato com os irmãos Menezes.

---

<sup>5</sup> Refiro-me neste caso a Antonio Candido (1995), que em seu ensaio “Radicalismos”, analisou as ambiguidades do pensamento radical no Brasil, encontrando em Nabuco (1881), Bomfim (1905) e Sérgio Buarque de Holanda (1936) uma tendência comum; segundo Candido, embora esses pensadores conseguissem formular uma crítica radical ao pensamento conservador, acabaram por formular proposições conciliatórias e reformistas. Antonio Candido argumenta que o radicalismo desses intelectuais expressa a visão de mundo da classe média em ascensão em fins do século XIX.

Diante da situação que lhe foi imposta legalmente – a de ter de subjugar-se à vontade do esposo de sua madrinha que entrou na justiça para requerer a sua guarda legal movido por cobiça e desejo de vingança – o jovem não admitiu outro caminho que não fosse sair pelo mundo, vagando livremente pelos sertões em busca de melhores condições para salvar-se a si mesmo e, posteriormente, ter as condições necessárias para livrar a sua bondosa madrinha das velhacarias de seu mal-intencionado marido.

Por meio da caracterização de Juvêncio, os autores personificam um tipo físico e social comum ao caboclo sertanejo “simpático, moreno, entre caboclo e mulato – de rosto largo, boca rasgada, olhos vivos e inteligentes” (BOMFIM, 2000: 113), do ponto de vista social, o sertanejo é genericamente representado como uma gente feliz, apesar das misérias sociais e das dificuldades naturais encontradas pelo sertão. Assim, os autores qualificam o sertanejo como gente muito boa e honrada “[...] sempre sério e fiel. Pode ser desconfiado, mas gosta de praticar o bem. Toda gente do sertão é hospitaleira e caridosa” (BOMFIM, 2000: 124-125). Por fim, ressaltam a boa vontade e o acolhimento como marcas distintivas do sertanejo, pois são pessoas sempre dispostas a ajudar e a compartilhar quando necessário o pouco que possuem, dando provas de um profundo altruísmo.

Em diversas passagens da obra, os autores fazem a descrição das paisagens sociais do sertão brasileiro, deixando claro um esforço em caracterizar o cuidado e o esmero com o qual os sertanejos organizam o seu espaço, fato que pode ser percebido logo no início da trama quando, no capítulo quatro, “Garanhuns”, descreve-se a casa da Velha Africana, que oferece a sua hospitalidade, dando pouso e alimentação aos pequenos viajantes:

A boa velha levou-os para o interior do casebre. Era uma choupana rústica, mas asseada, com paredes de barro preto, e chão duro, batido de torrões. A um canto o fogão, no centro uma mesa de madeira tosca; alguns bancos de pau, e o catre, em que dormia a dona da casa, completavam a mobília [...] Tudo aquilo revelava um cuidado constante; tudo estava limpo e varrido (BOMFIM, 2000: 70).

Essa e outras passagens ao longo da obra deixam transparecer o esforço dos autores em caracterizar os sertanejos quase como subempreendedores, pessoas que, adaptadas a uma situação de carência, deveriam fazer muito com o pouco que possuísem. Essa caracterização reflete o sentido positivo que Bomfim atribui aos negros, índios e mestiços

UMA VIAGEM PELA FORMAÇÃO BRASILEIRA: NAÇÃO E REGIÃO NO LIVRO DE  
LEITURA DE MANOEL BOMFIM E OLAVO BILAC (1910)

em seus textos anteriores, negando o pensamento determinista que condenava essas populações pelo atraso social das sociedades latino-americanas.

Em outro momento do enredo, os irmãos enfrentam situações representativas do mundo sertanejo, como a pobreza e a hospitalidade. No capítulo nove, “Piranhas”, os transeuntes chegam ao entardecer no rancho de um simples vaqueiro, que irá receber-lhes como podia:

O seu casebre era tão pequeno que os dois irmãos dormiram fora, sob o alpendre, metidos ambos numa só rede. Carlos lembrou-se da casinha da preta velha, em Garanhuns: era mesma, a pobreza, e era mesma, a boa vontade; e, abençoando a hospitalidade e a bondade da rude gente do norte, o menino adormeceu serenamente, ao lado de Alfredo, que, de cansado, dormia tão bem como se estivesse deitado numa cama de penas (BOMFIM, 2000; 94).

Juvêncio é o terceiro protagonista da narrativa e ocupa papel fundamental no enredo. Ele surge na trama em um momento de grandes dificuldades e profundas incertezas dos irmãos Menezes, que, após a notícia da suposta morte do pai, em Juazeiro, decidem ir até a Bahia, onde negociantes conhecidos de seu pai poderiam lhes indicar a forma de encontrar seus únicos parentes no Rio Grande do Sul. Essa epopeia, porém, exigia o sacrifício de atravessar um sertão bravio e desconhecido a pé, sem pouso certo, com recursos escassos e sem auxílio de qualquer natureza. É nessa situação de desamparados, inexperientes e perdidos que os irmãos Menezes se encontram com o feliz sertanejo.

Para Santos (2010), Juvêncio é a personificação do saber prático e da capacidade de ação, e conquista, com isso, o respeito e a admiração dos irmãos Menezes. Sua liderança, demonstrada em diversas passagens da obra, levou Alfredo a “desejar ser um sertanejo” (BOMFIM. 2000: 255). Já Carlos, o irmão mais velho, personifica o saber científico veiculado pela escola; ele reconhece as profundas diferenças historicamente construída entre ambos (diferenças sociais) e, mesmo não desejando se tornar um sertanejo, como seu irmão, firma o desejo de estabelecer uma parceria duradoura com Juvêncio, admitindo a vital importância que ele teve para a sobrevivência de ambos naquele momento de dificuldade: “não sei como nos arranjariamos sem ele – ignorantes do caminho e de tudo, perdidos nesta solidão” (BOMFIM. 2000: 120).

A partir desse momento da trama, o conhecimento do jovem Juvêncio sobre o sertão será preponderante para a sobrevivência dos garotos. Ele arranjará abrigo, comida, água,

transporte e, com sua experiência como trabalhador em algumas funções (tropeiro, ferreiro, apanhador de algodão, carteiro), Juvêncio consegue também o dinheiro necessário para custear as pequenas despesas da viagem.

Os três personagens constituem, assim, uma aliança pela sobrevivência, que resultará em uma profunda amizade entre os protagonistas, balizada pela admiração e pelo respeito mútuo. Essa aliança é anunciada no capítulo quarenta e oito, intitulado “O juramento”, em que Juvêncio é apresentado como uma verdadeira fonte de inspiração moral e de ânimo para os irmãos Menezes: “a gente, nesta vida, deve ter confiança em si mesmo. É preciso não desanimar nunca! O dia da desgraça é a véspera da felicidade” (BOMFIM, 2000: 254). Além da força e da inteligência, os irmãos reconhecem no jovem sertanejo uma coragem extraordinária, pois enfrentava os problemas sem perder o entusiasmo e a alegria, encarando sempre as demandas da existência de forma afirmativa e vivaz.

Santos (2010) vai interpretar tal aliança como um pacto entre os dois *brasis*, caracterizados por Euclides da Cunha como antinômicos. Na perspectiva apontada por Bomfim e Bilac, neste livro de leitura a nação seria um “texto comum, entre um sertão com seus filhos nobres, valorosos, ainda que atrasado, de mãos dadas e com juramentos de felicidades mútuas, caminhando com o litoral e seus filhos também valorosos, nobres e mais adiantados” (SANTOS, 2010: 113).

Diante da iminente possibilidade de terem de se separar após sua chegada à Bahia, Carlos, o irmão mais velho, professa as seguintes palavras: “poderemos nos separar pelas necessidades da vida, mas nunca pela indiferença ou pela inimizade. Vamos prometer que seremos sempre amigos. Eu, por mim, juro-o pela memória do meu pai” (BOMFIM, 2000: 256). Nas palavras do narrador, havia qualquer coisa de sublime nessa jovial aliança surgida do sofrimento e fortificada pelas provações impostas pelas necessidades da vida no sertão.

Entendemos, entretanto, que a separação das personagens Carlos e Alfredo – que seguem da Bahia, de barco, para o Rio de Janeiro, passando por Espírito Santo e, posteriormente, viajam de trem a São Paulo e de lá até Santos, onde finalmente conseguem embarcar com segurança e conforto para o Rio Grande do Sul em busca da segurança familiar – e Juvêncio – que da Bahia parte em direção ao Amazonas, contratado para trabalhar em Manaus – não deve ser entendida, como sugere Lajolo (2000) e Botelho

(2002), como uma aceitação da impossibilidade de aproximação entre litoral e sertão ou entre elite e povo. Em nosso entender, a perspectiva histórica de Bomfim pressupõe uma premissa básica advinda do historicismo: a de que formações históricas diferentes conduzem a caminhos diferentes; contudo, tais caminhos, embora sejam sólidos e duradouros, pois se convertem em heranças historicamente legadas de uma geração para outra, podem ser alterados em função de novas escolhas e alternativas capazes de corrigir o curso da história (sentido histórico) orientado pelas heranças do passado.

Bomfim aproxima-se, assim, de um conjunto de autores que, na esteira de uma inspiração leibniziana e de ideais românticos, formaram um movimento de oposição ao racionalismo iluminista conhecido como *Sturm Und Drang* (tempestade e impulso), que deu origem ao “historicismo romântico”. Suas características mais acentuadas seriam a mescla de uma linguagem biológica com uma linguagem histórica e a valorização da vida individual vista por múltiplos aspectos, na qual se ressaltavam a dimensão natural do vigor, do impulso e dos instintos e a dimensão social caracterizada pela busca da criatividade, liberdade e historicidade. Nesse sentido, a construção de vários de seus argumentos críticos, passa por um diálogo direto e amplamente afirmativo com alguns pensadores alemães como Friedrich Schiller (1759-1803), Wilhelm von Leibniz (1646-1716), Johan Wolfgang von Goethe (1749-1832) e Theodor Mommsen (1817-1903), considerados por ele como “legítimos criadores, na formação do espírito humano” (BOMFIM, 2013: 56).

Mais uma vez, como havia feito em *América Latina*, o que Bomfim coloca em discussão é a compreensão histórica da formação social brasileira como meio para superar, no presente, os problemas do passado. O desfecho final da narrativa histórica de *Através do Brasil* aponta para essa possibilidade, pois o pai de Carlos e Alfredo, ao compreender que o retorno seguro dos filhos ao seu lar não teria sido possível sem a ajuda do honrado sertanejo Juvêncio, que estava acamado por uma enfermidade no norte do país, reconhece a necessidade de ir até o norte e trazê-lo para o sul.

O reencontro dos três protagonistas da narrativa, mais que garantir um *final feliz*, típico de um romance de formação, carrega um sentido simbólico de apresentar e caracterizar o protagonista principal (o Brasil), uma entidade quase mítica que viaja ao longo do enredo, de carona, com a narrativa, mas que só ganha a sua forma final no término da obra, pois a compreensão histórica do território e a integração dos diversos tipos

humanos regionais em um todo simbolizam o pacto na diferença (litoral/sertão, elite/povo, brancos/negros e mestiços sertanejos); a identidade brasileira emerge caracterizada por uma visão positiva em relação às possibilidades de desenvolvimento para o país, rompendo com a velha lógica do desenvolvimento desigual e combinado.

Por ser um livro de leitura, *Através do Brasil* apresenta algumas especificidades em relação aos demais ensaios históricos de Bomfim. Além da diferença de estilo e de escrita, nele não encontramos uma crítica historiográfica aberta e declarada em relação à historiografia brasileira dominante no período; pelo contrário, é possível observar uma clara negociação com algumas das teses da escrita da história oitocentista, como a visão sobre o índio, a história do naufrago português Diogo Álvares e Paraguaçu, a história da independência, a história da fundação da cidade do Rio de Janeiro e a questão da imigração de italianos e alemães. Essa negociação tem por objetivo adotar critérios e práticas comuns ao livro de leitura, uma vez que este era voltado para a escola. Assim, seria necessário evitar questões polêmicas, pois interessava aos autores atingir o público escolar. O debate intelectual, e outras polêmicas, certamente envolveria outro público.

Mesmo com a adoção desses critérios conservadores, é possível encontrar, ao longo do livro, temas caros à escrita da história bomfiniana, como a valorização do sertão, o papel dos estados de Ceará e Pernambuco no movimento abolicionista, a guerra dos Farrapos e o movimento bandeirante, que ganharam relevo em meio às aventuras de viagem. Dessa forma, entendemos que esse livro não traz nenhuma grande inovação como interpretação histórica, mas não chega a romper com a perspectiva histórica defendida por Bomfim ao longo de suas obras. Como ressaltou Marisa Lajolo (2000), o sucesso de *Através do Brasil* pode ser atribuído a sua simplicidade, e é por meio dessa aparente simplicidade que podemos encontrar a essência das características da formação brasileira na perspectiva bomfiniana.

A viagem através do território brasileiro expressa, simbolicamente, a multiplicidade de cenários geográficos e humanos que compõem as diferentes regiões brasileiras e também valorizam, física, intelectual e moralmente, as populações excluídas do interior do Brasil. Se é verdade que ao longo da narrativa transparece uma antinomia entre os sertões do norte atrasado e o sul moderno e civilizado, também é verdadeiro que nela não se apresenta

## UMA VIAGEM PELA FORMAÇÃO BRASILEIRA: NAÇÃO E REGIÃO NO LIVRO DE LEITURA DE MANOEL BOMFIM E OLAVO BILAC (1910)

nenhuma conotação determinista, pois a grandeza moral das pessoas é realçada, apesar da difícil situação econômica e social em que viviam.

Seja de forma física ou descritiva, a narrativa percorre todas as regiões brasileiras, com destaque para os estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. É importante lembrar que, dos 82 capítulos da obra, em 60 deles a trama se desenrola nos estados da região Norte do país, o que, em nossa perspectiva, sinaliza o entendimento de que a identidade nacional não poderia ser pensada sem a inclusão de setores tradicionalmente excluídos da sociedade brasileira, ou seja, o povo. Não se trata, portanto, de uma identidade nacional pensada a partir de uma região hegemônica, ou mesmo da antinomia entre litoral e sertão. Essa reflexão antinômica que estabelece os antagonismos do desenvolvimento interno do país como o marco característico de um processo de modernização desigual e combinada foi consagrada no início do século XX pela obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, mas que se manteve presente na historiografia brasileira, projetando-se na longa duração para períodos posteriores ao tempo de vida de Manoel Bomfim, cuja obra mais significativa é: *Dois Brasis* de Jaques Lambert (1973), dessa forma, o pensamento histórico de Bomfim insere-se num movimento de longa duração do pensamento social brasileiro, cujas características são a busca da compreensão dos fatores estruturais da formação nacional.

A identidade nacional proposta na obra de Bomfim e Bilac emerge do interior do país: a viagem dos dois irmãos, além de uma aventura para se conhecer o Brasil, não deixa de ser um convite para a integração, ou mesmo, um projeto político em defesa de um desenvolvimento econômico e social mais equilibrado. O final da trama é indício da utopia bomfiniana. Os irmãos Menezes, típicos representantes das elites brasileiras e herdeiros das condições históricas legadas pela colonização, não se sentem autossuficientes; pelo contrário, reconhecem a importância do elemento negro/mestiço para o sucesso da aventura, ou seja, a viagem se encerra com uma promessa: a de inserir Juvêncio, “o povo” historicamente excluído, em um projeto de futuro.

### Referências bibliográficas

AGUIAR, R. C. *O rebelde esquecido: tempo vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

LUIZ CARLOS BENTO

BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2000.

BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

Idem. *O Brasil na história: deturpação das tradições, degradação política*. Rio de Janeiro: Topbooks; Belo Horizonte, Puc-Minas, 2013.

BOTELHO André. *Aprendizado no Brasil: a nação em busca de seus portadores sociais*. Unicamp, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.

FILHO, A. A. *Manoel Bomfim: combate ao racismo, educação popular e democracia radical*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

HANSEN, P. S. *Brasil um país novo: literatura cívico-patriótica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. 2007. 253f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LAJOLO, M. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar da Primeira República*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LAMBERT, Jaques. *Dois Brasís*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

OLIVEIRA, L. L. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

REIS, José C. *As identidades do Brasil II: de Calmon a Bomfim*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SANTOS, A. N. *Pátria, nação, povo brasileiro na produção didática de Manoel Bomfim e Olavo Bilac: Livro de leitura (1899) e Através do Brasil (1910)*. 2010. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

Data de recebimento: 13/06/2016

Data de aceite: 08/09/2016